

## EMBAIXADA DO BRASIL EM UAGADUGU

### RELATÓRIO DE GESTÃO

#### EMBAIXADORA REGINA CÉLIA DE OLIVEIRA BITTENCOURT

O Burkina Faso (antigo Alto Volta) conquistou a independência da França em 5 de agosto de 1960. Durante os anos 1970 e 1980, o país passou por um período de instabilidade, com repetidos golpes militares. No início dos anos 1990, a situação muda, com a realização de eleições multipartidárias. O Burkina Faso é um país sem acesso ao mar, de escassos recursos naturais, porém de importância estratégica no contexto da sub-região da África Ocidental. Faz fronteira com o Mali no Noroeste, Níger no Nordeste, Benin no Sudeste, Togo no Sudeste, Gana no Sul e Côte d'Ivoire no Sudoeste. Nos últimos cinco anos, observou-se o transbordamento da crise do Mali para este país, com o aumento progressivo das atividades dos terroristas e o alastramento para outros países da região.

2. Blaise Compaoré tomou o poder em 15 de outubro de 1987, e é suspeito de ter mandado assassinar seu antecessor e irmão de armas, Thomas Sankara, que, por sua vez, havia ascendido ao poder mediante a revolução de 1983. Sankara se definia como marxista e realizou mudanças estruturais no país. Ele foi o responsável por alterar o nome de Alto Volta para Burkina Faso, composto de duas palavras dos idiomas moré e dioula, expressão que significa "terra dos homens honestos". A memória de Sankara permanece viva na juventude burkinabé, mas também de modo geral na África, o que o tornou um ícone, um "Che Guevara africano".

3. O ano de 2014, que coincide com minha chegada ao país, constitui ponto de inflexão na história recente do Burkina Faso, ocasião em que o então Presidente Blaise Compaoré, há 27 anos no poder, inicia manobras para concorrer a mais uma reeleição. O que veio a seguir foi uma insurreição popular, que iniciou-se em 28 de outubro de 2014 com uma série de protestos, manifestações e tumultos que se espalharam por várias cidades de todo o país. Essas manifestações tiveram início em resposta à apresentação de emenda constitucional que permitiria que o presidente Blaise Compaoré concorresse a um quinto mandato. A Assembleia Nacional é incendiada e Blaise Compaoré se vê forçado a renunciar e refugiar-se na

Costa do Marfim com o apoio da França e do presidente marfinense Alassane Ouattara.

4. Houve, então, um vazio de poder, pois seu sucessor legal, o Presidente da Assembléia Nacional, Adolphe Luc Tiao, também havia deixado o país. Inicialmente, o general Honoré Traoré, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, tenta assumir as funções de Chefe de Estado, com a promessa de realizar eleições o mais breve possível. No entanto, é rejeitado por parte da população que o considera muito próximo ao governo anterior. Em 1º de novembro de 2014, o Tenente-Coronel Yacouba Isaac Zida, número 2 do Regimento de Segurança da Presidência (RSP) se autoproclama Chefe de Estado durante discurso na Praça da Nação. Não obstante, as pressões da comunidade internacional para a formação de um governo civil fez com que em 17 de novembro de 2014, o diplomata aposentado Michel Kafando fosse nomeado presidente. Kafando nomeia então Yacouba Isaac Zida como Primeiro-Ministro.

5. O ano de 2015 marcou o turbulento período do governo de transição, cuja principal missão era organizar as eleições gerais, previstas para 11 de outubro daquele ano. A constante interferência do RSP, atuando como uma espécie de guarda pretoriana de Blaise Compaoré, e cujo quartel se encontrava dentro do complexo do Palácio Presidencial de Kossyam, foi causa de várias crises. O regimento composto de 1.300 homens era uma tropa de elite bem treinada, detentora de melhores salários e modernos armamentos do que as forças regulares. Com Zida no poder, tinham a expectativa de ter seus interesses assegurados. Isso não ocorreu, pois Zida tinha ambições próprias.

6. Em 17 de setembro de 2015, durante reunião do Conselho de Ministros, oficiais do RSP invadiram o Palácio e mantiveram como reféns o Presidente Michel Kafando, o Primeiro Ministro Yacouba Isaac Zida e os ministros da Função Pública, Augustin Loada, e do Urbanismo, René Bogoro. Ademais, declararam a dissolução do governo de transição. O General Gilbert Dienderé, antigo homem de confiança de Blaise Compaoré, apresentou-se como líder dos golpistas e presidente do "Conselho Nacional pela Democracia". O "putsch" provocou a condenação unânime da comunidade internacional, o Conselho de Segurança da ONU, a União Africana, a União Europeia e a Comunidade Econômica de Estados da África Ocidental (CEDEAO), que exigiram a libertação de Kafando e de seu gabinete. O incidente ocorre duas semanas antes das eleições presidenciais e legislativas no país, marcadas para 11 de outubro.

7. Após cerca de duas semanas de intensas negociações, o golpe de Estado foi abortado. O Comandante do Estado Maior das Forças Armadas, Pingrenoma Zagré, na ocasião recusou-se a se posicionar firmemente contra os golpistas. No entanto, jovens oficiais das forças das províncias decidiram reagir e dirigiram-se à capital para combater os golpistas. Finalmente, o Comando de Uagadugu decidiu dar um ultimato aos golpistas e bombardearam o quartel do RSP. Advertidos pelo general Dienderé do ataque iminente, fugiram. O episódio encerrou-se com a prisão do General Dienderé e de Djibril Bassolet (ex-Chanceler do governo Compaoré), entre outros, tidos como responsáveis pelo golpe. O primeiro Conselho de Ministros após o restabelecimento do governo de transição decreta a dissolução do RSP e a integração de seus efetivos nas forças regulares.

8. Em razão do "putsch" de setembro, as eleições gerais foram postergadas de 11 de outubro para 29 de novembro de 2015. O governo de transição, mediante dispositivo legal, interditou a participação no pleito do antigo partido no poder, o Congresso para a Democracia e o Progresso (CDP). Roch Marc Christian Kaboré (ex-presidente do CDP, e que havia ocupado vários cargos importantes no governo anterior), chegou a ser considerado eventual sucessor de Blaise Compaoré, rompeu com o ex-presidente, e, em janeiro de 2014, junto com Salif Diallo e Simon Compaoré, dois experientes políticos, todos afastados do núcleo de poder, fundou o partido Movimento do Povo pelo Progresso (MPP). Kaboré foi eleito Presidente no primeiro turno, com 53,49% dos votos. O segundo colocado foi Zéphirin Diabré, ex-líder da oposição no governo Compaoré, pelo partido União pelo Progresso e a Mudança ("Union pour le progrès et le changement-UPC), com 29,65% dos votos.

9. Roch Marc Christian Kaboré tomou posse em 29 de dezembro de 2015 e, em 6 de janeiro de 2016, escolheu para Primeiro Ministro Paul Kaba Thiéba, um economista que ocupou postos importantes no Banco Central dos Estados da África do Oeste (BCEAO), tendo residido muitos anos no exterior. Thiéba foi escolhido pelas suas qualificações para ser o encarregado do Plano nacional de desenvolvimento econômico e social (PNDES), ambicioso programa de desenvolvimento do governo de Roch Kaboré.

10. Não obstante, a questão securitária impôs-se desde o início do novo governo, com o ataque ao Splendid Hôtel, o bar Taxi Brousse, e o Café Cappuccino, todos na Avenida Kwame Nkrumah, Centro de Ouagadougou, em 15 de janeiro de 2016,

reivindicado pela Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, que causou 30 mortos e 150 feridos, pouco mais de uma semana após a nomeação do novo governo. O terrorismo se tornaria um problema recorrente ao longo do mandato do Primeiro-Ministro de Thiéba. Em 15 de agosto de 2017, ocorre outro ataque, dessa feita ao Café Aziz Istanbul, na mesma Avenida central de Ouagadougou, com o saldo de 19 mortos. Em 2 de março de 2018, ocorreram dois ataques terroristas coordenados, também na zona central de Uagadugu: 1) ao Estado Maior das Forças Armadas, onde se realizaria uma reunião dos comandantes das forças armadas do G5 Sahel; e 2) Embaixada de França. Foram abatidos sete atacantes.

11. Além dos atentados na capital, tornaram-se regulares a tomada de reféns pelos terroristas. Ao norte e a leste do país, os ataques passaram a ocorrer com frequência. Ademais, as tensões étnicas e represálias por ataques jihadistas resultaram em violência adicional, cujo caso emblemático foi o Massacre de Yirgou, em que a morte de seis civis da etnia mossi, atribuídas a jihadistas fulani, em 1º de janeiro de 2019, desencadeou represálias de milicianos mossi com o massacre de 43 civis fulani em 2 de janeiro de 2019 (números oficiais conservadores, pois fala-se de pelo menos cem pessoas mortas no incidente).

12. O Global Power Index (GPI) 2020, que classifica o poder militar das forças armadas de países no mundo, publicado anualmente pela Global Fire Power (GFP), é um website dos EUA especializado em questões de defesa, e informa este ano sobre o poder militar de 138 países ao redor do mundo, incluindo 35 na África. De acordo com essa fonte, o Burkina Faso encontra-se na 18ª posição na África e 97ª no mundo, à frente de países como a Côte d'Ivoire e Ghana, segundo os critérios da GFP. O Burkina Faso conta com um efetivo 11.200 militares e um orçamento de USD 130 milhões. As forças armadas de Burkina Faso compreendem o exército, a força aérea, a gendarmaria, o corpo de bombeiros nacional, e o Estado Maior das Forças Armadas. O Burkina Faso não tem acesso ao mar, e não possui marinha.

13. A política externa burkinabé caracteriza-se por forte pragmatismo e por ações que visam a ganhos econômicos. Exemplo ilustrativo disso foi o rompimento com Taiwan, em 2018, e o restabelecimento de relações com a República Popular da China que, na avaliação do governo, traria maiores benefícios ao país. Burkina Faso conta, ainda, com um grupo de países que são "parceiros econômicos e financeiros (PTFs)" tendo como um de seus maiores doadores a União Europeia (EU).

Preocupa de modo especial aos europeus o fato de o Burkina Faso ser um dos principais países de trânsito da região na rota dos migrantes que chegam à costa europeia pela rota do Mediterrâneo Central. Além disso, há uma estreita cooperação militar com a França e com os Estados Unidos, países com grande interesse no combate ao terrorismo. O Burkina Faso mantém estreitas relações com os países africanos, em especial os vizinhos. Na questão das votações em eleições nas organizações multilaterais, buscam coordenar-se com os outros países do continente.

14. No plano interno, houve importante mudança no governo, em janeiro de 2019, quando Paul Kaba Thieba pediu demissão do governo e Christophe Marie-Joseph Dabiré foi escolhido pelo Presidente para assumir o cargo. Com 71 anos, o novo Primeiro-Ministro é um político experiente, ex-membro do CDP e que participou do governo de Blaise Compaoré como Ministro da Saúde (1992-1997), depois do Ensino Secundário e Superior e da Investigação Científica (1997-2000). Posteriormente, tornou-se o comissário de Burkina-Faso na Comissão da UEMOA (2007-2017). Dabiré tem sido mais bem sucedido que seu predecessor, sobretudo nas negociações com os sindicatos que estavam tumultuando o país com suas constantes greves e reivindicações.

15. Fenômeno relativamente recente é a questão dos deslocados internos ("deplacés"), que atualmente atingiu a cifra de um milhão de pessoas. Menos visíveis que os fluxos migratórios clássicos, esses movimentos de população têm repercussões importantes sobre o meio ambiente social e econômico local. Os deslocados internos muitas vezes encontram-se em uma situação ainda mais crítica do que os expatriados, porque, ao contrário desses, não podem ter acesso ao "status" de refugiados, e, portanto, não são protegidos pelo direito internacional, recebendo pouca atenção da mídia. Além da falta de recursos e de autonomia, essas populações encontram-se muitas vezes socialmente excluídas nos territórios onde pretendem instalar-se e são particularmente destituídas, em face das desigualdades e das injustiças de que podem ser vítimas

16. Em 9 de março de 2020, ocorreram os primeiros casos de COVID-19 no Burkina Faso, o quarto país da África Ocidental a ter sido afetado pelo novo coronavírus. O governo não tardou a tomar medidas para conter a pandemia: fecharam-se fronteiras, assim como escolas, mercados, cinemas, restaurantes, bares e lugares concorridos; impôs-se um toque de recolher das 19 às 5 horas; o transporte público no

interior do país foi suspenso; e restringiu-se a circulação entre cidades com casos confirmados de COVID-19. Igualmente, foram proibidas aglomerações com mais de 50 pessoas. Paralelamente, o sistema de saúde foi reforçado. As medidas tomadas lograram frear o avanço da pandemia do COVID-19 no país. O governo também preocupou-se em tomar medidas com vistas a preservar a atividade econômica do país

17. Segundo previsões do Ministério da Economia, o COVID-19 deverá custar quatro pontos de crescimento ao Burkina Faso para o ano de 2020. As consequências esperadas da pandemia sobre a economia do país são a redução da taxa de crescimento de 6% para 2% em 2020, a baixa das receitas públicas estimada em F CFA 306 bilhões (equivalentes a USD 533,1 milhões), ou seja, um déficit orçamentário de 5% e uma desaceleração geral das atividades econômicas em todos os setores. O Presidente Kaboré criou um fundo de emergência de F CFA 100 bilhões (equivalentes a USD 174,2 milhões).

18. O Burkina Faso, como a maior parte dos países do espaço União Econômica e Monetária da África Ocidental (UEMOA), goza de um ambiente macroeconômico estável. O país é razoavelmente bem dotado de recursos minerais, notadamente ouro, manganês, zinco, calcário, mármore, fosfato, pedra-pome e sal. No entanto, carece de petróleo, e, portanto, deve importar a totalidade do que consome, o que constitui um obstáculo ao seu desenvolvimento. Além disso, seus recursos hídricos são limitados, assim como outras fontes de energia.

19. Nos últimos anos, o Burkina Faso vem investindo na energia solar, com grande potencial para impulsionar o desenvolvimento do país, sobretudo na medida em que a tecnologia evolui e a exploração dessa fonte energética se torna mais acessível. Além do uso individual de placas solares nas residências, cumpre ressaltar projetos de centrais solares em maior escala, tais como as Centrais de energia solar Ziga de 1,1 MW e Zagtouli de 33 MW. Essa última foi inaugurada em 29 de novembro de 2017 pelo Presidente do Faso, Roch Marc Chritian Kaboré, e seu homólogo francês, Emmanuel Macron. Segundo especialistas, é considerada a maior usina solar fotovoltaica da África Ocidental, e é resultado de uma parceria entre o Burkina Faso, a União Europeia (UE) e a França, por meio da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD).

20. A população do Burkina Faso está atualmente estimada em cerca de 20 milhões de habitantes. A maior parte concentra-se nas regiões centro e sul do país. A capital e maior cidade

é Uagadugu (Uaga), com 1,8 milhão de habitantes. A população burkinabé é sobretudo rural (71%) e cerca de 31% é urbana. O Burkina Faso tem uma estrutura de idade jovem, resultado do declínio da mortalidade combinado com uma fertilidade elevada e estável. O país continua com um rápido crescimento populacional, o que coloca uma pressão crescente sobre as limitadas terras aráveis do país. Mais de 65% da população tem menos de 25 anos e o crescimento populacional é de 3% ao ano. As taxas de mortalidade diminuíram devido à melhoria dos cuidados de saúde e de higiene, mas as mulheres continuam a ter uma média de seis filhos.

21. A economia burkinabé não logra gerar suficientes empregos para a crescente população jovem, havendo um percentual de desempregados de cerca de 70%. O Burkina Faso é um país em desenvolvimento, em que a agricultura representa 32% do produto interno bruto e emprega 80% da população ativa. A criação de gado, e plantações como algodão, sorgo, milhete, milho, amendoim, arroz, manga e caju, constituem as principais atividades. O país foi o segundo produtor africano de algodão depois do Egito, apesar da aridez do solo. Não obstante, hoje ocupa a terceira posição na África Ocidental, em que o Benim é o primeiro produtor, e o segundo, o Mali. Outro importante produto de exportação é o ouro. O Burkina Faso produzia menos de uma tonelada por ano no início de 2000, mas, atualmente, a produção do país continua a crescer: de 32 t em 2014, aumentou para 35 t em 2015, 38,5 t em 2016, 45,6 t em 2017 e 52,66 t em 2018 (sem contar a produção artesanal que, segundo as autoridades, ascende a cerca de 10 t). Trata-se na atualidade do primeiro produto de exportação burkinabé, sendo o país o terceiro produtor na África, depois de Gana e da África do Sul. Há vários investimentos estrangeiros no setor, no qual se destacam os canadenses.

22. O Burkina Faso conta com uma diáspora significativa: três milhões de burkinabé vivem em Gana, quatro milhões na Costa do Marfim e 1,5 milhão no Sudão (números estimados). De acordo com o Banco Central dos Estados da África Ocidental, esses migrantes enviam dezenas de bilhões de francos CFA para o Burkina Faso a cada ano. A Costa do Marfim continua sendo o principal destino da imigração burkinabé. Por outro lado, o Burkina Faso atrai migrantes da Costa do Marfim, Gana e Mali, países com os quais, muitas vezes, compartilham origens étnicas comuns. Apesar da escassez de alimentos e da alta taxa de pobreza, o Burkina Faso tornou-se um destino para refugiados nos últimos anos e, em maio de 2017, abrigava cerca de 33.500 malineses. Recentemente, no

entanto, com o aumento dos ataques terroristas ao norte, vários refugiados malinenses estão deixando o país.

23. No que tange às relações bilaterais, o Brasil reconheceu a independência do antigo Alto Volta (atual Burkina Faso) em 1960 e estabeleceu relações diplomáticas em 1975. Essas relações, no entanto intensificaram-se apenas a partir da década de 2000, com a abertura da Embaixada do Brasil em Uagadugu (2008) e da Embaixada do Burkina Faso em Brasília (2009).

24. O Burkina Faso é um país extremamente dependente da ajuda externa. O Brasil, no âmbito da sua Cooperação Sul-Sul prestada pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), tem assistido o país através de projetos de promoção da segurança alimentar e de combate à pobreza, tais como o "Fortalecimento Institucional do Laboratório Nacional de Saúde Pública de Burkina Faso" e o "Fortalecimento da Pecuária Leiteira em Burkina Faso", ambos encerrados em 2017. Em dezembro de 2019, o Brasil atendeu à demanda do governo burkinabé, feita por carta a mim dirigida pelo Ministro do Ensino Superior, da Pesquisa Científica e da Inovação, Alkassoum Maiga, datada de dezembro de 2017, pela qual solicitou apoio técnico brasileiro ao combate à doença da seca da mangueira. Nesse contexto, foi realizada missão de técnicos e pesquisadores deste país à Universidade Federal de Viçosa, custeada pelo governo brasileiro. No plano regional, o Burkina Faso, juntamente com Mali, Benim, Chade, e Togo, foi um dos beneficiários do Projeto Cotton-4+Togo de cooperação técnica com a finalidade de melhorar e aumentar a produção algodoeira nesses países (em fase de conclusão).

25. O comércio bilateral entre o Brasil e o Burkina Faso apresenta fluxo irregular, com períodos de trocas mais expressivas e épocas de baixa movimentação, mas sempre com superávit brasileiro. Em 2019, esse superávit comercial foi de USD 7,3 milhões. As importações representam parcela pequena das trocas comerciais e têm perfil variável. Em 2019, foram importados, principalmente, produtos primários e manufaturados, como artigos confeccionados a partir de materiais têxteis, e obras de ferro, ou de outros metais; já em 2020, as importações se têm concentrado, principalmente, na compra de ácidos carboxilícos e seus anidridos, peróxidos, perácidos e derivados.

26. As exportações apresentam valores mais expressivos e há potencial para expansão. O auge das exportações para o Burkina Faso nos últimos cinco anos ocorreu em 2018, com um

total de USD 10,9 milhões em vendas, de acordo com dados do ComexStat; em 2020, as exportações somam, até o momento, USD 3,5 milhões. A pauta de vendas tem sido composta, sobretudo, por equipamentos e instalações de engenharia civil, óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) e armas e munições, cujas vendas representam, porém, apenas cerca de 10% a 15% das exportações. A porcentagem pode ser considerada baixa, pois, em razão da luta contra a expansão do terrorismo no Burkina Faso, há potencial para crescimento da participação desse setor no comércio bilateral.

27. As possibilidades de aumento das exportações no setor de defesa são notáveis pela observação das principais vendas feitas pelo Brasil ao Burkina Faso nos últimos anos. Após a compra dos três Super Tucanos por este país em 2012, foram vendidos, ainda, foguetes da Avibras Indústria Aeroespacial S/A e estão em curso negociações pela ATECH, empresa do Grupo Embraer, para a venda de radares.

28. No plano da diplomacia cultural, importante elemento de "soft power", as restrições orçamentárias, e falta de recursos humanos, impossibilitou a realização de atividades de divulgação da cultura brasileira por muitos anos. Esse quadro mudou nos últimos anos, em que foi possível o desenvolvimento de projetos como a exibição, em 5 de novembro de 2019, Dia Nacional da Língua Portuguesa, em telão instalado nos jardins da Residência, do documentário "Língua: vidas em português", seguido de coquetel para um grupo de pessoas que falam o idioma português neste país (diplomatas estrangeiros, funcionários da União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA), de Guiné Bissau, e, evidentemente, membros da comunidade brasileira). Nos dias 6, 7 e 9 de novembro, a Embaixada do Brasil promoveu festival de cinema intitulado "Panorama do Cinema Brasileiro", no Instituto Francês de Uagadugu, em que foram exibidos cinco filmes do acervo da Chefe do Posto. No próximo dia 18 de setembro corrente, na galeria do Instituto Francês, será inaugurada a exposição de fotografias de Pierre Verger, de quando visitou este país (então Alto Volta) em 1936. Há a expectativa de que a exposição organizada pela Embaixada seja um dos grandes eventos do calendário cultural de Uagadugu em 2020, sendo, inclusive, a capa da programação cultural do Instituto Francês para o segundo semestre.

29. O Burkina Faso ressenete-se da falta de um acordo de cooperação educacional com o Brasil, pois há um grande interesse de alguns burkinabé em realizar seus estudos no

Brasil, sobretudo no setor da agricultura e pecuária. Em 2010, tiveram início negociações para a celebração de um Acordo de Cooperação Educacional no campo do Ensino Superior entre o Brasil e o Burkina Faso. Em 2015, fui informada de que o texto base das negociações estava com a Chancelaria burkinabé para análise e eventuais contrapropostas. Solicitei entrevista com o setor competente, que dias depois enviou à Embaixada o texto com as modificações sugeridas pelos burkinabé. A contraproposta burkinabé foi então enviada ao Itamaraty que, por sua vez, encaminhou-a ao Ministério da Educação.

30. A falta de acordo educacional dificulta, mas não impede, que alguns poucos burkinabé logrem estudar no Brasil. Tive contato com grupo de professores da Universidade Federal de Pernambuco que estudaram na França e visitaram a Embaixada em companhia de alguns franceses. Graças a essa cooperação acadêmica, estudantes burkinabé em nível de doutorado foram enviados ao Brasil, com financiamento do governo francês, para desenvolver pesquisas relacionadas a teses de doutorado. Por outro lado, um grupo de 10 alunos, em 2017, recebeu bolsa de estudo da UNILAGOS, mediante convênio entre essa Instituição de Ensino Superior e o Centro de Assistência e Formação Integral (CAFI), entidade missionária que atua em Bobo Dioulasso. Os oito alunos que permaneceram no programa (houve duas desistências) estarão concluindo seus estudos de graduação em 2021 e deverão regressar ao Burkina Faso.

31. Seria de todo interessante se o Burkina Faso pudesse participar do Programa de Estudante Convênio (Graduação e Pos-Graduação), no sentido da "promoção do Brasil como destino acadêmico" e de "atração de estudantes estrangeiros", para atender ao desejo do MEC de incluir novos participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), o que, ademais, vem a "colaborar com os esforços de internacionalização do ensino superior brasileiro" e ocupar vagas ociosas no âmbito do Programa.

32. O Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou (Festival Panafricain du Cinéma et de la Télévision de Ouagadougou - FESPACO) é o festival de cinema mais importante da África Ocidental e tem lugar a cada dois anos. O prêmio principal é a famosa estatueta de Yennenga, a princesa que fundou a nação mossi. Atores e cineastas brasileiros assistiram ao evento em diferentes ocasiões. Na 26ª edição (2019), esteve presente o diretor Joel Zito Araújo, que, com seu documentário "Meu amigo Fella", mereceu o prêmio de melhor documentário longa metragem da diáspora. O FESPACO

representa oportunidade de divulgação do cinema brasileiro no continente africano e mereceria maior apoio no sentido de promover a participação de cineastas brasileiros, sobretudo afrodescendentes.

33. Na minha gestão, fiz questão de conhecer e manter contato com a grande maioria dos brasileiros residentes. A comunidade brasileira radicada no Burkina Faso tem sido a prioridade do atendimento da Embaixada, que, embora sem muitos recursos, tem-se desdobrado para prover a melhor assistência possível. O grupo de brasileiros no Burkina Faso é, em sua maioria, composto de missionários cristãos e suas famílias. Em 2017, eram cerca de 70 pessoas, atualmente reduzido a pouco mais de 20. Vários fatores induziram a essa drástica redução: o aumento dos ataques terroristas e seu avanço ao norte e leste do território burkinabé, inicialmente, fez com que alguns dos missionários baseados em povoados no interior do país se deslocassem para as duas principais cidades (Uagadugu e sobretudo Bobo Dioulasso). Alguns mudaram-se para países vizinhos. Mas, com o início da crise do COVID-19, algumas famílias tiraram férias prolongadas no Brasil ou foram repatriadas. Esses últimos pretendem retornar ao Burkina Faso, ao final deste ano (após as eleições) ou no início de 2021.

34. Ao longo dos seis anos como Embaixadora em Uagadugu, por várias vezes, mencionou-se a hipótese de fechamento de embaixadas que supostamente não proporcionassem retornos financeiros ao País, possivelmente resultando em prejuízos intangíveis a médio e longo prazo, pois relações diplomáticas são medidas por meio de outros resultados: a obtenção de apoio em negociações cruciais para o país, a obtenção de um contrato numa licitação internacional, conquistar votos em uma eleição de cargo em organismo internacional, defesa e proteção de cidadãos brasileiros, entre outros. O Brasil chegou a ser o quinto país em presença (embaixadas) na África. Hoje, com atraso, Índia e Turquia avançam no continente africano e conquistam mercados e projeção internacional. Estaríamos, caso vença o argumento do fechamento de embaixadas, não apenas destruindo um patrimônio construído ao longo dos anos, mas, evidentemente, caminhando na contramão.

35. Concluo o meu relatório com três recomendações: i) Ampliar a cooperação com o Burkina Faso, que, ao longo dos anos, foi-se reduzindo consideravelmente até chegar à situação atual, em que é inexistente. A cooperação implica não apenas em transferir conhecimento, em alguns casos tem

possibilitado o aprendizado sobre pragas que também existem no Brasil; ii) É preciso fazer conhecer a África. Há um grande desconhecimento deste continente e de suas potencialidades. Muitas pessoas se recusam a vir à África simplesmente por não estarem familiarizados com a realidade local, a riqueza cultural deste continente; e iii) O Brasil precisa realizar maiores esforços de acercamento dos países africanos: em recente consulta feita à Embaixada, verificou-se, por exemplo, a inexistência de um grupo parlamentar de amizade entre o Burkina Faso e o Brasil. É preciso, também, promover visitas de autoridades em nível adequado.